



Jornal de Barcelos

Católico e Regionalista



Editor e Prop.: P.º ALFREDO MARTINS DA ROCHA
Administrador: ARTUR BASTO
Composto e Impresso: Tip. «Vitória» — BARCELOS

Director:
P.º Alberto da Rocha Martins
Telefone 8451

Redactores Principais } JOSÉ TEIXEIRA
JOÃO P. DA SILVA CORRÊA
Redacção e Administração: R. D. António Barroso, 42-44

Nota de Saudade

Por A. ROCHA MARTINS

O dia dois de Novembro foi escolhido pela Igreja para cristãmente se fazer a comemoração dos nossos Mortos.

É, por conseguinte, uma data inesquecível em que a saudade nos aviva a recordação daqueles que nos foram queridos e que já deixaram esta vida para darem entrada na Vida Eterna.

Este ano, por disposição da liturgia, a comemoração votiva dos Mortos teve lugar na segunda feira e constituiu, nesta cidade, um acontecimento notável de fé católica na Vida extra terrena.

Todos os crentes ajoelharam piedosamente sobre a campa florida dos seus Entes queridos e fervorosamente a orvalharam de lágrimas amorosas enquanto balbuciavam preces sentidas de devoção e gratidão.

Lição extraordinária a que nos oferece este dia e nos proporcionam estas piedosas comemorações... Que vale a vida, o ódio, a perseguição, a vã cobiça de mandar, a vaidade?

O Cemitério—o campo santo—dá a resposta mais precisa e mais decisiva a esta interrogação.

É ali que o homem reconhece a sua fraqueza e acredita no infinito poder de Deus.

É ali que fenecem todos os caprichos e se sepultam todos os desejos de vingança.

É ali que o homem despojado da corte que o rodeava e incensava fica, por vontade própria ou não, reduzido ao valor intrínseco e moral que tem.

É ali que se estabelece a medida exacta e o fiel da justiça e do dever, do crime e do castigo.

Ao mesmo tempo aprendemos a lição sublime da gratidão para com os nossos Mortos, tanto mais apreciável quanto uma moderna educação e uma filosofia materialista parecem apostadas em tudo destruir.

O Cemitério é livro aberto onde os cirios que se extinguem iluminam a grande lição da vida e as flores que murcham e secam nos pregam a finitude das coisas do mundo.

Só uma coisa fica impertubável e permanece eternamente para além de tudo: é o bem, a justiça, o dever, o sacrifício cristão, o heroísmo por Deus!

O resto é nuvem que se desfaz e fumo que desaparece. Felizes os que acreditam no Senhor e vivem para Ele.

A sua morte não representará um fim mas o princípio da verdadeira vida.

Nesta hora de saudade, a que se associa languidamente a nostalgia do outono triste, juntemos as mãos e misturemos as preces para que o Senhor do Céu faça descer a sua misericórdia infinita sobre os nossos queridos Mortos e lhes conceda o eterno descanso.

Palavras de Sua Eminência o Senhor Cardeal Cerejeira no encerramento do IV Curso das Semanas Sociais, em Braga

CABE-ME a honra de dizer as últimas palavras:—Palavras de louvor, palavras de apelo—louvor por estes dias de luz; apelo à boa vontade de todos os que têm responsabilidades na educação nacional.

Termina—pode dizer-se—em glória, o IV CURSO DAS

SEMANAS SOCIAIS PORTUGUESAS.

Braga, cidade augusta, teve dentro dos seus muros e distribuiu-a pela província, esta Universidade Ambulante, como já aqui se lhe chamou.

Que mais seria lícito esperar que ouvir estes Mestres?

(Continua na página 6)

INSTANTÂNEOS

XXXIV—Dia da Acção Católica

No último domingo de Outubro, consagrado a Cristo-Rei, por todo o País, com fervor religioso, solenidade e entusiasmo, celebrou-se o «Dia da Acção Católica».

Na capital do império, a sessão solene comemorativa efectuou-se no vasto salão do Pavilhão dos Desportos, literalmente cheio sob a alta presidência do Senhor Cardeal Patriarca.

Sua Eminência que usou da palavra para encerrar a sessão «disse que Estaline, numa das reuniões que decidiram dos destinos do Mundo, pediu a Roosevelt que usasse da sua influência junto do Papa para que dissolvesse a Acção Católica». E o ilustre e eminente antifstite, «luz do patriarcado e de todo o País», como justamente o saudou no início dessa memorável sessão o Snr. Arcebispo de Miltilene, acentuou: «O diabo sabe o que é por Cristo e o que é contra Cristo».

Realmente, o diabo, sempre muito activo e oportunista, capaz de todos os embustes e dissimulações, sabe muito bem o que quer e sobretudo... o que não quer. E, a vaidade, o orgulho e a soberba continuam a ser os campos que o diabo melhor explora e com tanto maior êxito quanto mais maldosos, mais ignorantes e mais falhos de inteligência e bom senso forem dotados os homens escolhidos para instrumento dos seus torpes designios.

Mas, para o verdadeiro católico, o dia a dia da vida hodierna, cheia de ciladas e surpresas, longe de ser causa de desânimo, contrariamente, é forte incentivo para se embrenhar e empenhar, de cada vez com mais ardor, no combate pela vitória integral de Cristo, com a firme e inabalável certeza que, mesmo neste vale de lágrimas, contra tudo e contra todos felizmente, CRISTO continuará a reinar, a vencer e a imperar!

FOTÓGRAFO-AMADOR

O sabão «Amêndoa»

O Snr. Ministro da Economia determinou a baixa de preço deste produto, de 2\$30 o quilo, para 2\$10.

Carta da Capital

Meu querido Amigo:

Imagine-se comodamente sentado em salinha onde desde as paredes aos móveis, à luz que cortinas coa, aos livros e revistas, ao arranjo, aos quadros nas paredes e retratos, lhe comuniquem um ar acolhedor e confortante ao corpo.

Em cada peça onde lhe poisa os olhos vê mares de recordações de coisas e de gentes, de terras e sentidos, de ideias e lições, de honras merecidas ou de trabalhos tidos.

Sobre o joelho o bloco de papel, e na dextra a arma preparada.

Não fume então nem que os cigarros ao lado o tentem a queimá-los.

Cerre os olhos agora cheios da luz coada pelas cortinas brancas, dos livros e revistas, dos quadros e retratos, dos móveis e saudades e espere, Amigo meu, que de um salto lhe salte a mão em frémito nervoso, depressa, sempre mais a retratar o que lhe vai lá dentro.

Tremenda confusão!

Em correria louca, aos gritos e empurrões que imensas coisas soltas!

Tente agarrar alguma: estenda agora a mão.

Passou já essa, e outra e outras mais. Agora não.

E agora não é... nunca.

*

Passaram duas horas: o papel está branco e evaporou-se a tinta.

*

É que isto de escrever tem muito para contar.

Algum dia leu *Apenas uma narrativa* de António Pedro ou versos de Fernando de Lemos?

Tem muito, ou não tem nada, que se diga o escrever?

Espere; talvez não: pensar, sentir, viver é que é difícil.

*

Um cão vadio na rua está a ladrar.

Curioso problema este dos cães vadios!

De forma e de feitio mais diverso é ve-los de manhã a passear em grupos, em magotes ou sózinhos, cheira aqui e acolá, rapa a valeta e o caixote posto à porta das moradas.

Há-os gordos e há magros. São vadios ou não são?

(Continua na página 2)

ANGÚSTIA

O fim da arte é, simplesmente, criar um estudo da alma.

Óscar Wilde

A angústia que me busca a cada passo, é voz atormentada do meu sangue no cântico silente do meu mundo.

A angústia que me agita e que me encanta é um sopro de infinito pegajoso no húmus paternal da minha alma.

A angústia desta hora que se esvai, Tão só e tão profunda na espessura é um mal dum outro mal qu'inda me dura nas caves do meu ser donde não sai...

E, assim, torna-se grito o meu sofrer cravado de punhais tão atrevidos que rasgam não somente os meus sentidos; mas toda a esperança de eu viver.

Barcelos, Outubro de 1952

ANTÓNIO BAPTISTA

VIDA RELIGIOSA

XXIII Domingo depois do Pentecostes

EVANGELHO — Naquele tempo, estando Jesus a falar às turbas, eis que um príncipe se chegou a Ele, e O adorou, dizendo:

Senhor, agora ac abade expirar minha filha; mas vem tu, põe a tua mão sobre ela, e viverá.

E Jesus levantou-se e o foi seguindo com os seus discípulos.

E eis que uma mulher, que, havia doze anos, padecia um fluxo de sangue, se chegou por detrás de Jesus e lhe tocou na orla do vestido.

Porque ia dizendo dentro de si:

Se eu tocar, ainda que seja somente no seu vestido, serei curada.

E voltando-se Jesus, e vendo-a, disse:

Tem confiança, filha, a tua fé te sarou.

E ficou sã a mulher desde aquela hora.

E depois que Jesus chegou a casa daquele príncipe, e viu os tocadores de flautas, e uma multidão de gente que fazia revoliço, disse:

Retirai-vos, porque a menina não está morta, mas dorme.

E eles O escarneciam.

E tendo salido a gente, entrou Jesus e a tomou pela mão. E a menina levantou-se.

E correu esta fama por toda aquela terra.

—(—)

LIÇÃO DUM MILAGRE

Pelo P.^e Alfredo Rocha

Dois grandes milagres nos refere o evangelho deste domingo. A ressurreição da filha de Jairo e a cura duma mulher que havia mais de doze anos sofria duma doença que os médicos tinham declarado incurável. Vamos fixar a nossa atenção neste segundo caso extraordinário onde brilha, com fulgor especial a té que iluminava a alma desta infeliz. Procurou todos os recursos humanos para aliviar as suas dores, gastou todos os seus haveres e por fim encontrou a maior desilusão, o abandono. Sem esperança e sem conforto, esta pobre mulher, teria caído nas garras do desespero se não tivesse ouvido falar de Jesus, o grande taumaturgo, que para todos os infelizes tinha um olhar de misericórdia, uma palavra de consolação e cujo poder divino operava maravilhas. Com uma fé viva e ardente, esta mulher foi ao encontro de Jesus quando Ele atravessava as ruas estreitas da cidade de Cafarnaum. A multidão era enorme, impossibilitando-a de comparecer diante de Jesus. Mas não desanima. A sua fé era tão grande que dizia ela, se eu tocar, ainda mesmo que seja na fimbria do seu manto serei curada. A custo logrou satisfazer os seus anseios. Estendeu a mão, tocou no manto de Jesus e sentiu-se curada. Grande milagre, fruto da grande fé daquela alma.

Ao lermos esta página tão linda do evangelho parece que sentimos certa tristeza e nostalgia por não vivermos nesses tempos felizes em que Jesus andava pelo mundo para irmos ao seu encontro e contar-lhe as nossas mágoas, os nossos dramas e pedir-lhe o linitivo para as nossas dores e amarguras. Porém, a fé nos diz que somos mais felizes ainda do que essa mulher, pois temos sempre connosco o mesmo Jesus nos sacrários das nossas igrejas. Recorramos a Ele. Não é só em Fátima ou em Lourdes, onde os doentinhos acorrem, que se encontra o Médico divino, está na Hóstia consagrada, vamos a Ele com fé e com amor. Aquela mulher tocou apenas no seu manto, mas nós podemos tocar não só no seu corpo, mas ainda recebê-lo como nosso alimento na comunhão. É o seu corpo, sangue, alma e divindade. Há tantas almas doentes, enfermas pelo pecado, pelas paixões, porque não vão a Jesus Cristo. Leitor, medita nesta lição sublime e vai a Jesus que é a fonte da vida e da consolação.

Reunião do Curso Teológico de 1899-1902

No Sameiro, no dia 21 de Outubro findo, reuniram os alunos do curso teológico que terminaram os seus estudos no Seminário de Braga em 1902.

Compareceram 11 antigos alunos faltando uns 6; ausentes no estrangeiro e doentes.

Às 11,30 horas foi celebrada missa pelo Arcipreste de Ponte do Lima em sufrágio das almas dos professores e condiscípulos falecidos, tirada uma fotografia em grupo e almoço de confraternização no Hotel Maia.

Deste curso fizeram parte os Snrs. Padres Clemente de

Campos Almeida Peixoto, de Cristelo, Joaquim José Gomes dos Santos, de Vila Cova, António Plácido Fernandes da Silva, de Barqueiros, todos deste concelho e João Baptista da Silva Corrêa, Solicitador, desta cidade.

A última reunião foi em Julho de 1937 e desde esta data até hoje faleceram 14 condiscípulos entre os quais os Snrs. Padres Domingos Pinheiro, de S. Pedro de Alvito e José Rodrigues Torres, de Vilar.

Foi marcada nova reunião para Junho de 1953 em Fátima.

Visado pela COMISSÃO DE CENSURA

Carta da Capital

(Continuação da página 1)

As leis do trânsito são rigorosamente cumpridas por força da experiência de algum ossito partido.

E é vê-los como saltam ao passeio se um carro nos desce a rua.

Cada um tem sua zona de volta, e nunca se afastam muito do passeio preferido, mais farto de restos nos caixotes.

Fazem distúrbios e bulhas, têm brincadeiras e amores.

São vadios? Isso sim!

A coleira com chapa amarela diz que não.

Nesta província tão grande ser vadio é não pagar, nem que seja mais vadio o tal da chapa amarela.

Coisas da vida dos cães com que nós não temos nada.

Cor de boi, pequenote, de orelhas espetadas e cauda levantada é este que ainda ladra.

A chapa na coleira dá-lhe prerrogativas.

Cheira duas vezes o fundo de um portão de casa de fidalgos e ladra, ladra muito. Volta a cheirar e ladra e ladra mais.

Sentou-se; orelhas espetadas e de cabeça erguida continua a ladrar.

Coisa infernal. Dá-me pena agora o ruído que me incomodara.

O cão vadio fez-me lembrar uns tantos que há no Minho, aí nessas aldeias: é tal e qual.

Esperto, refilão, mas mal tratado, irmão de tantos outros que aí tem.

Por dentro do portão da casa de fidalgos dois cães abortos que parecem chouriços, tortos de mãos e como não há aí, escutam mas não ligam.

São gordos e anafados, pretinhos e brilhantes.

Ao ver os de dentro e o de fora pensei: que querem eles?

Talvez trocar de vida meu Amigo.

Já viu um dia a ver o chão da rua?

A minha — ou outra — mas prefiro a minha.

Conheço-a bem de cima da janela ou cá de baixo mesmo rente ao chão.

Queria-lhe contar Amigo meu. Que quadro para pintor. Mas que pintor Deus meu?

Mas não; isto hoje não que já é demais.

Beija-lhe a mão o muito amigo

S. P.

SONHOS

É uma especialidade da PASTELARIA ARANTES.

Todos os agasalhos para inverno
CASA PEIXOTO
RUA DIREITA — Telefone 8379

BODAS DE PRATA

da Casa de Saúde de S. João de Deus de Barcelos

HISTORIEMOS, para melhor compreensão do que se vai ler.

S. João de Deus nasceu em Montemor-o-Novo, no Alentejo, em 1495. Aos oito anos de idade fugiu para a Espanha. Recolhido por um abastado feitor de Oropesa na província de Toledo, foi pastor e por duas vezes soldado. Esteve em Ceuta e Gibraltar. Fez-se livreiro ambulante, e finalmente se fixou em Granada, onde morreu em 1550. Foi ali um Grande apóstolo da caridade, e o hospital por ele fundado veio a ser o berço da Ordem Hospitaleira.

Montemor-o-Novo, viu surgir a primeira Casa desta Ordem em Portugal, no primeiro quartel do século XVII. Seguiram-se-lhe as de Moura e Lisboa, vindo esta a ser mais tarde a casa mãe da Província Portuguesa. Pouco depois da Restauração, D. João IV entregou a assistência dos hospitais de Sangue aos Irmãos Hospitaleiros. Terminada a guerra, continuaram estes à frente dos hospitais militares, e vemo-los fixarem-se em Elvas, Estremoz, Campo Maior, Almeida, Chaves, Valença, Ponte do Lima e outras terras. Encarregados também do serviço hospitalar das armadas, abrem casas no Brasil, em Moçambique, na Índia. Expulsas de Portugal as Ordens Religiosas pela infama lei Aguiar de 1834, estes grandes benfeitores da humanidade só voltam em 1891. Em 1893 fixam-se no Telhal, que é hoje a casa mãe da Província Portuguesa, restaurada. Esta Província conta no presente dez casas, sendo: Seis hospitais psiquiátricos: Telhal, Funchal, Angra, Barcelos, Ponta Delgada e Marracuene; duas leprosas: Alto Molócuê e Angoche; um hospício para o clero inválido: Rio de Janeiro; um hospital para crianças: Montemor-o-Novo.

Ora é justamente uma destas beneméritas casas, a Casa de Saúde de S. João de Deus, de Barcelos, que no próximo dia dez festeja as suas Bodas de Prata.

Estamos a vê-la, a antiga Quinta da Castanheira, onde

os Irmãos se instalaram, ali, a dois passos de Barcelos, à margem da estrada que sai para Viana. Já vinte e cinco anos são passados. Quem, nessa altura, havia de imaginar a obra que dali havia de surgir? Não, por certo, os moradores deste risonho trecho do Minho, que talvez pela vez primeira ouvissem falar da Ordem Hospitaleira, ouvissem falar dum novo santo português, chamado S. João de Deus.

A obra que ali havia de surgir conheciam-na, não com olhos de profeta mas com fé certíssima, o seu grande impulsador, Fr. Elias Pereira de Almeida, o seu primeiro Director Fr. João José Caetano Pinto com o punhado de abnegados heróis da caridade que ali se vieram instalar no abençoado dia 10 de Novembro de 1927. Tão pobresinhos, tão humildes, tão afáveis e caritativos!

A obra cresce. Primeiro é a transformação do velho solar para abrigar os doentes que vão chegando. Depois, o pavilhão central para a Comunidade e a parte administrativa; a capela, o esplêndido pavilhão de S. José, o pavilhão das enfermarias, o Sanatório; e ultimamente, a instalação das oficinas, o velário e outras dependências.

E as obras irão por diante, porque a dor humana não acaba, e os pedidos de internamento são constantes. Estranho antagonismo! Enquanto uns—demónios!—são o flagelo da humanidade, outros—Anjos!—sacrificam toda a sua vida a mitigar as dores alheias. Escolheram a melhor parte. Admiremo-los, já que não temos a coragem de lhes seguir o exemplo.

Por feliz coincidência, celebram as bodas de prata à frente da Comunidade de 30 Religiosos, o mesmo Director Fr. João José Caetano Pinto e o grande impulsador Fr. Elias Pereira de Almeida, que há 25 anos viviam a febre dum grande sonho, hoje transformado em realidade. Está de parabéns a Casa de Saúde de S. João de Deus, e de parabéns está a cidade de Barcelos, porque obras assim engrandecem uma terra.

PARALELOS

É uma especialidade da Pastelaria Arantes.

Comparticipações

Pelo Ministério das Obras Públicas foram concedidos os subsídios de 10.210\$00 e de 11.460\$00, para as construções das escolas das freguesias de Abade do Neiva e Cossourado, respectivamente.

Para Lisboa

Acompanhado de sua esposa, encontra-se em Lisboa, com demora de alguns dias, o nosso prezado amigo Senhor António Coelho Gonçalves.

SONHOS

Há muito quem os fabrique, mas nunca iguais aos da Pastelaria Arantes.

DOMINGO HÁ SARRABULHO NA PENSÃO ARANTES

Da Administração

Tiveram a gentileza de virem ou mandarem pagar as suas assinaturas a esta Administração, o que muito agradecemos, os nossos queridos assinantes a seguir mencionados:

Por um Ano

Os Srs. António Rodrigues de Carvalho, de Santa Eugénia; Dr. Martinho de Faria e José Simões Ferreira, de Alvelos; D. Laurinda Vilas Boas Pinto, de Gamil; P.º Abílio Mariz Faria, de Cristelo; Joaquim José Simões de Lima, de Pereira; Casa do Povo de Milhazes; José Fernandes de Brito, de Gilmonde; Abílio da Costa e Silva, de Vilar de Figos; José Alves Leite, de S. Martinho; António Gomes de Carvalho, de Perelhal; Manuel P. Ribeiro, da Pousa; Júlio Barroso de Carvalho, de Martim; Evaristo da Silva Varandas, de Adães; Luís Pinheiro, de Durrães; e Manuel A. da Silva, de S. Martinho.

Por 6 meses

Os Srs. Avelino Lopes de Campos e Joaquim Arantes Lopes, da Várzea; José da Silva Freitas, António Lopes de Melo, Manuel Pereira da Quinta, Mário Araújo Domingues, António Barbosa de Oliveira, Ribeiro & Reis, Joaquim Rodrigues da Silva, José Lourenço Rodrigues, Arnaldo Salazar, José Luís Miranda, Dr. Augusto Monteiro, João Teixeira Guilherme, D. Maria Amélia Faria, António Miranda Arantes, Emílio Machado, Artur Alves de Pinho, Manuel Fitas de Miranda, Manuel Pinto de Matos, Manuel Pacheco de Carvalho, Carlos Vilas Boas, de Carvalho, António Pereira Faria, de Sequiade, P.º José Loureiro, Tomás de Oliveira e Engenheiro Américo Damásio.

Por 3 meses

Os Srs. Augusto Duarte, D. Maria Madalena de Carvalho e Artur Esteves da Costa.

Aos nossos Assinantes

Continuamos a solicitar aos nossos queridos assinantes, especialmente aos das freguesias do nosso concelho o especial favor de mandarem pagar as suas assinaturas a fim de nos evitar transtornos.

O nosso cobrador continua na sua ronda de recolha, mas nem sempre é bem sucedido porque uma grande parte dos nossos assinantes não se encontra em casa. A estes pedimos o favor de não nos obrigar a uma segunda visita.

CARTA ABERTA

ao Sr. Dr. Domingos de Figueiredo

Não tencionava sequer exteriorizar o conteúdo do seu cartão se, por razões sublimes, não fossem criadas circunstâncias para tal. Espero, contudo, que o Sr. Padre Alberto me ceda um cantinho do seu jornal.

As suas palavras de incitamento, temperadas com singeleza e sinceridade, obrigaram-me a um agradecimento que torno público porque o considero sincero e, sem vaidade, me parece justo. O cartão de V. Ex.ª, despido de retórica e grandes adjetivos, vinculou no meu cérebro a certeza de que o senhor doutor Domingos de Figueiredo vive apegado às resoluções sublimes da arte e do espírito. Ao apreciar o meu «Poema da Hora que Passa», publicado no *Jornal de Barcelos*, deu-me ensejo a transcrever, não somente o exterior sensível, mas a causa interna que motivou a criação desse poema. A causa não poderia ter sido outra senão a da injustiça dos homens, a vaidade das criaturas e o comodismo infame e pernicioso de outros.

Alguns leitores (não muitos) elogiaram com forte emoção o aparecimento deste meu poema; outros, mordidos pela inveja ou acicatados pela maldade consideram-no forte de mais... Preferiam os poemas charlatanescos, imorais, por vezes cheios de lepra, preferiam os poemas neuro-românticos onde se canta mulher e meia por verso — como diria Junqueiro.

Talvez que o meu poema não seja de moide a grandes polémicas, mas é — disso tenho a certeza — sinceramente humano e, como diria TAINE: oportuno.

A poesia não é, não será nunca, a mensageira dos vícios, das torpezas, das vinganças, das calúnias; mas antes a portadora da esperança e da saudade...

Esperança — nos dias de maior justiça, de maior verdade, de maior amor humano; de saudade — por tudo quanto engrandeceu este torrão sagrado e que se chama Portugal.

Sr. Dr.: A minha ansiedade, toda a gama dos meus poemas (feitos nas horas libertas da existência) se pode definir em palpitações de vida, no mundo que nos cerca. E assim, canto a voz inímita das multidões, exalçando a verdade, numa cruzada heróica, contra a mentira, a infâmia, o embuste servil, a malvadez e a ingratião.

Gostaria de continuar este princípio de carta mal traçada, sem quadro, na linha curta da vida. Terminando, dedicando-lhe este prêmio, este estudo esboçado dum poema, a quem chamarei ansiedade:

Tenho fome de luz e sede de mais vida... Tenho a alma liberta aos ódios mais profundos e trago nos meus olhos o gorgolhar dos mundos no pulco sem limites da gente indefinida.

Barcelos, 26/10/52

A. Baptista

O, SONHOS da Pastelaria Arantes são uma especialidade.

Sem pincel, sem sabão e sem água

Faça a sua barba com o creme sem espuma:

RIFEGREM

SUPRIME O MARTÍRIO DAS BARBAS DIFÍCEIS

À VENDA: na Drogaria da Praça (Barcelos), Farmácia Roma (Braga) e Farmácia Correia de Araújo (Porto)

A Cafezeira de Barcelos

DE MANUEL DA CRUZ PIAS

RUA BARJONA DE FREITAS (Em frente à Padaria João Luis) — Barcelos

Casa especializada em café e cevada — Merceria fina

CARTAZ

do «Jornal de Barcelos»

CINEMA

Hoje, às 21,30, será apresentado um drama policial, de mistério e emoção:

A LOJA SINISTRA

Uma grandiosa produção inglesa com Oscar Homolka, ao lado de Derek Farr e a encantadora Muriel Pavlow.

Nele se ouvirão dois momentos musicais: *Avé Maria*, de Schubert e Concerto de Mendelsshn.

No próximo domingo às 15 e às 21,30, o filme mais elogiado até hoje, tanto pelos críticos como pelo público:

Crepúsculo dos Deuses

O mais audaz de todos os filmes e que é uma obra absolutamente revolucionária, com William Holden, Glória Swanson, Erich von Stroheim e outros.

Mais um grande êxito da Paramount.

FUTEBOL

No Campo A. Ribeiro Novo, às 13 e 15 horas, respectivamente, reservas e honra do S. C. Vianense e do Gil Vicente F. C.

Aos Domingos

Não devem faltar na sua mesa os incomparáveis *Sonhos da Pastelaria Arantes*.

Espectáculos em Vila Cova

A convite do Grupo da Juventude Agrária Católica, de Vila Cova, deslocou-se a esta freguesia nos passados dias 26 de Outubro e 1 do corrente, o Grupo Cénico da Juventude A. Católica, de S. Romão da Ucha, onde realizou 4 representações com a peça religiosa «Senhora de Fátima».

Este Grupo foi recebido por numeroso povo de Vila Cova que acompanhado de foguetes lhe apresentou as boas vindas, dirigindo-se em seguida para o salão da Acção Católica aonde o digníssimo Abade da freguesia os recebeu e manifestou o seu agrado por esta visita enaltecendo as qualidades do Grupo e o desejo do seu bom sucesso.

Agradeceu o Director Espiritual do Grupo Sr. P.º João P. de Miranda que num bem burilado improviso teceu os maiores elogios ao povo daquela freguesia e ao seu pastor.

Em seguida foi dado começo ao espectáculo que com lotações esgotadas aplaudiram.

Consta que em breve este Grupo se deslocará à cidade de Braga onde realizará quatro representações.

Casamento

No sábado último, na Igreja Matriz desta cidade, consorciou-se a menina Margarida Amália dos Santos Monteiro, filha muito gentil do Sr.ª D. Celeste dos Santos Monteiro e do Sr. João Rodrigues Monteiro, com o Sr. Domingos de Castro Gomes Duarte Lopes, filho da Sr.ª D. Marcelina de Castro Gomes e do Sr. Manuel Duarte Lopes, já falecido.

Presidiu à cerimónia o Reverendo Prior de Barcelos que na altura própria proferiu uma tocante e comovente alocução.

Paraninfaram por parte da noiva o Sr. Jaime Ferreira e esposa e por parte do noivo o Sr. Henrique Malheiro Dias, Director Geral da Mabor, de onde o noivo é considerado funcionário, e esposa.

Os noivos seguiram em viagem de núpcias após ser servido aos convidados um finíssimo copo de água.

Ao novo lar desejamos muitas prosperidades e uma vida repleta de venturas.

Sorteio de aguarelas

Na passada sexta feira realizou-se, como estava previsto, o sorteio das aguarelas, da autoria do distinto artista barcelense Gonçalves Torres.

Foram premiados os N.ºs 822, 851 e 890 adquiridos pelos nossos amigos Srs. Dr. Camilo Ramos, Virgílio Soares e António da Costa Magalhães.

Parabéns.

Devoção pelas Almas do Purgatório

Afim de atender a muitas pessoas que não podem assistir à devoção pelas almas do Purgatório da parte de manhã realiza-se todos os dias excepto aos Domingos, no Templo do Senhor da Cruz, às 4 horas da tarde, estes piedosos actos religiosos de sufrágio pelas Benditas Almas do Purgatório.

Reza do terço, meditação e Bênção do Santíssimo Sacramento.

Exame

Na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, completou o 4.º ano com elevada classificação, o nosso amigo Sr. Engenheiro Francisco Pereira, filho do nosso também amigo e assinante Sr. Rodrigo Pereira, considerado recoveiro para a cidade do Porto.

Os nossos parabéns.

Comendador Miguel Miranda

Encontra-se doente o nosso estimado amigo Sr. Comendador Miguel Gomes de Miranda, ilustre Provedor da Santa Casa de Misericórdia.

—Desejamos-lhe rápidas melhoras.

Reunião Dominicana

Realiza-se amanhã no Templo do Bom Jesus da Cruz a reunião mensal dos Irmãos Dominicanos.

Agenda Médica

Maria Angelina Corrêa
MÉDICA ESPECIALISTA DE CRIANÇAS
Consultas das 10 às 12
Campo 5 de Outubro Telefone 8398

José António Faria Torres
Médico
Consultório:
Rua D. António Barroso — Telef. 8377

Residência:
Av. Alcaldes de Faria — Telef. 8210
Consultas das 10 às 12

FRANCISCO TORRES

Médico
Consultório:
Rua D. António Barroso — Telef. 8377
Residência:
Av. Alcaldes de Faria — Telef. 8210

Casa de Saúde de Barcelos

Cirurgia — Partos

Rua Barjona de Freitas — Telef. 8399

Moreira da Quinta

Médico
Av. Dr. Oliveira Salazar — Telef. 8380

António Pedras

MÉDICO
Doenças de pulmões . Raios X
Consultas das 10 às 12 e das 15 às 17
Residência: Arcoselo — Telefone 8287
Av. dos Combatentes, 196 — Tel. 8456
Consultório: Av. Dr. Oliveira Salazar, 70 — Tel. 8422

ANTÓNIO COUTINHO

MÉDICO
Consultório
RUA INFANTE D. HENRIQUE, 56
Telefone 8509

Camilo Ramos

Cirurgião-Dentista e Farmacêutico — Doenças da boca e dos dentes — Prótese Dentária
Consultório: L. da Porta Nova, 44-1.º
Residência: C. Camilo C. Branco, 69
Telefone 8321

LAURINDA VIEIRA

PARTEIRA-ENFERMEIRA
Partos, Tratamentos e Injeções
Rua da Madalena, 10 (Enfrente à Capela de S. José)

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

No próximo domingo, estão de serviço permanente as farmácias OLIVEIRA, na Av. dos Combatentes e Faria, em Barcelinhos.

Antes de fazerem as suas compras vejam os preços e qualidade dos artigos que expõe a

Casa Ideal

DE **DOMINGOS PEIXOTO**

A casa que mais barato vende e que melhor serve.

Rua Barjona de Freitas

(Em frente à Padaria João Luis)

BARCELOS

Aproveite a ocasião

Relógios garantidos com 15 Rubis a 250\$00. Vende a RELOJOARIA CARVALHO — Aven. Dr. Oliveira Salazar, 40 — Barcelos.

Esta casa espera nova remessa destes afamados relógios, restando poucos da remessa recebida.

Camisas TABÚ — Sobretudos — Samarras

CASA PEIXOTO

RUA DIREITA Telefone 8379

FALECIMENTOS

Prof. Dr. Queirós Veloso

Em Lisboa, com a idade de 92 anos, faleceu na última sexta-feira, o eminente historiador e distinto barcelense Snr. Prof. Dr. José Maria de Queirós Veloso, uma das maiores e mais prestigiosas figuras das letras em Portugal.

No seu funeral, realizado no sábado, incorporaram-se muitas centenas de pessoas do maior destaque, tendo-se feito representar alguns membros do Governo.

Manuel Pereira Rainha

Na terça-feira, por volta das 15 horas, na sua residência ao Largo do Apoio, faleceu, subitamente, o Snr. Manuel Pereira Rainha, industrial de alfaiataria, de 57 anos de idade, pessoa muito conhecida no meio e que gozava de geral simpatia.

Era casado com a Senhora D. Rita da Conceição Pereira e pai dos Snrs. Carlos Alberto e Víctor Manuel Pereira Rainha e da Sr.^a D. Maria da Graça Pereira Rainha.

O seu funeral realizado ontem à tarde, teve enorme concorrência.

Sentidos pesames a toda a família.

D. Rosa Pereira

Com a idade de 66 anos, faleceu na freguesia da Várzea, deste concelho, a Senhora D. Rosa Pereira, pessoa que gozava de geral estima pelo seu coração bondoso em favor dos desprotegidos.

A saudosa extinta era mãe do nosso prezado amigo e assinante Snr. Severino Arantes Lopes, considerado lavrador e Presidente da Junta daquela freguesia, a quem apresenta-

...SEGURAS NA
IMPÉRIO



COMPANHIA
DE SEGUROS

IMPÉRIO

R. GARRETT, 56 LISBOA

AGENTE EM BARCELOS

António Rodrigues Gomes da Costa

Av. dos Combatentes da Grande Guerra

Lãs em fio—Gilés moderníssimas

CASA PEIXOTO

RUA DIREITA Telefone 8379

mos o testemunho do nosso grande pezar.

O funeral da bondosa senhora teve lugar na manhã do último domingo, nele se tendo incorporado muitas pessoas desta cidade, onde Severino Arantes Lopes goza do muita consideração e amizade.

Bicicleta

Marca «LONDON», cor vermelha sem traços, desappareceu de Areias de S. Vicente. Pede-se às autoridades a sua apreensão, ao mesmo tempo que se previnem as garagens que não devem transaccioná-la.

Cobertores — Camisolas — Puloveres — Peúgas de lã

CASA PEIXOTO

RUA DIREITA Telefone 8379

Sonhar com Sonhos

Há pessoas que comendo os SONHOS da Pastelaria Arantes acham-nos tão bons que até sonham com eles.

VENDE-SE

Bouça, à beira da estrada, em Santa Leocádia do Tamel.

—Vende-se, também, terrenos para construções, Campo 28 de Maio, 38—Barcelos.

Oficina e Garagem Auto-Cávado

Esta casa sob a Gerência técnica, do Snr. Armando de Sousa Machado, antigo industrial e mecânico da indústria de viaturas e motores, está habilitado a executar com perfeição e economia, todas as reparações em Camions, Automóveis, Motos e motores industriais ou agrícolas.

Reparação de baterias, com garantia; venda de Acessórios, Lubrificantes, Pneus, etc., Recolhas.

Entradas pela Esplanada e Fonte de Baixo.

CASA DE VINHOS E COMIDAS

PASSA-SE

Em bom local. Informa Manuel Esteves, Ld.^a.

Casa — Aluga-se

Casa aluga-se junto à Estação do Tamel. Informa Padaria Moreira, nesta cidade.

Arroz Seco

Tão bom como brasileiro é o que vendemos a 6\$60. É arroz gigante ainda velho.

CASA ÁGUA

Telef. 8445 BARCELOS

O menino chora e não quer ir para a escola? Dê-lhe um pararello da Pastelaria Arantes e ele irá todo contente.

Lâmpadas a 4\$00

só no Armazém Esteves

N.º 2

6-XI-52

FOLHETIM

O SENHOR REI E A VELHA

(Episódio da vida de El-Rei D. Carlos)

Por MANUEL DE BOAVENTURA

Havia a meio o imenso descampado, à beira da estrada-real um oásis de verdura, no deserto teirugoso formado por musganho de sobreiros e corpulentos carvalhos, corcomidos de velhice. A sombra deles se realizou o almoço real. Eram muitos os comensais. A ucharia começou a sair dos cestos e o povo formou círculo, contidos pelos soldados, na ânsia de melhor ver o Rei, que, como sempre estava de excelente humor, sorridente e gracejante.

—Ah! O Senhor Rei! Que belo moço!

Na grande rede da gentiaga havia dúvidas qual daqueles «fidalgos senhores» seria o Maioral: e já muitos apontavam o flamante Ministro Pimentel Pinto:

—Deve ser aquele.

De longe, o espinhaço da serra fragosana, como rija trovoadas repercutida em ecos de quebrada-em-quebrada, vinha o rebombo da artilharia: e do Penedo do Ladrão, ali ao perto, o crepitar constante do tiroteio, assustava os timoratos.

O povo encolhia-se receoso de alguma bala perdida...

O babaré da multidão alastrava de vale a monte e de todos os pontos convergia gente.

A tia Charrôa, que com a sua centúria de anos, desafiava o tempo, arrastara até ali a sua velhez, de cerne apodrido, mas de rijura, no desejo de ver da tropa e conhecer o «ti Rei», que «mandava em todos abaixo de Deus».

Forcejou por indireitar o busto oucrado, pôs a mão trémula em pala, na ânsia de melhor enxergar: —Taréh! Tanto homem! Ele qual é o «Ti Rei»?

Algumas disseram-lhe que não era assim que se dizia: mas os velhos de «algum dia», mal sabiam usar da «senhoria», muito menos de altas fórmulas de tratamento. Para eles «tio» era boa e respeitosa designação, porque Senhor havia um só, mas estava no Céu, sentado à mão direita de Deus-Padre-Todo-Poderoso. Não seria afronta para a divindade, dar tratamento de «senhor», a simples mortais? Por certo.

Assim, na aldeia, as pessoas gradas, os «homens de respeito», os maioraes de teres e haveres, eram honrados com o tratamento de «tios»:—o ti'Bulhinha, o ti'Taco, o ti'Caibra... E na vila havia, como mais conhecidos e temidos:—o ti'Administrador, que metia gente na cadeia; o ti' receptor das décimas—rapadeira voraz que levava pão e negalhos: ti'Ricardo barbaças, que fazia coimas, nos gados rabaceiros. E outros manatas afidalgados, a quem, de longe, fazia mister tirar o chapéu, para colher suas boas graças... Em sua rudeza primitiva, não tinham outra expressão verbal.

Ora a tia Prenda, mulher sabida e com treino de boa faladoria, tinha ideia de El-Rei, teria outro tratamento, mas não lhe ocorria, na ocasião.

Ao tempo que esfiava o linho da roca, arregulou-os e corregiu à velha centenária:

—Comadre: não é Ti'Rei, é Senhor Rei.

O tiroteio ouvia-se cada vez mais perto e o fra-

gor dos tiros de canhão andava no ar, num estrondear de trovoadas:

—S. Jerónimo! Santa Bárbara virgem!

Tinham-se achegado o grupo vilachanez, o padre do Casal, que paroquiava a freguesia e o estudante dos D'Aldeia, que meses antes acabara o curso do magistério. O do Casal era emérito caçador,—andarilho de pé tão alceiro, que cansava os podengos no farejo, pelos passourinhais do monte e por bouças e ágras. Mas ele não cansava nunca: era infatigável. Os da companhia ficavam para trás, exaustos, a transpirar; os cães, esfalfados da correria, deitavam a língua de fora e estendiam-se no paul, a arfar. Padre Casal acendia cigarros, atrás de cigarros e só parava em casa, à hora de comer, mal dando por falta dos parceiros...

—É pernas de ferro, levado da maleita!—diziam dele.

Mas também ninguém alvejava perdizes e chumbava galinholas, com tão certa pontaria.

O estudante, que andava na aprendizagem cinegética a fazer das fraquezas, forças, ia-o acompanhando, sabe Deus com que custo, prestes a desanimar, com a vertigem das correrias. Tinha «paixão» pela caça, lá isso tinha; mas, no dizer autorizado do mestre Casal, «não acertavam num carro de mato»...

Naquele dia, desde alta madrugada, que calcuriavam montes e tomadias e, valha a verdade, com proveito. Comido o farnel por alturas de S. Lourenço, lá foram, jornadiando e caçando, ver a tropa, à Figueiró no aparatoso simulacro de guerra. E sobretudo conhecer o Rei—colega caçador de fama em todo o mundo,

(Continua)

Redacção e Administração:

Rua D. António Barroso, 42-44

TELEFONES 8418 e 8451

Jornal de Barcelos

Composto e Impresso:

Tipografia «Vitória»

BARCELOS—Tel. 8428

É isso Desporto?

COM a devida vénia e com o maior prazer transcrevemos na íntegra o artigo da «Estrela do Minho», de Famalicão, da autoria do nosso distinto amigo Sr. José Casimiro da Silva.

Este artigo, pelas judiciosas considerações que encerra, merece não só ser divulgado, como meditado por quantos tomam parte directa ou indirectamente em pugnas desportivas.

«Não é desporto o que se tem visto por esses campos de futebol, quer no Campeonato Nacional da I Divisão, quer nas provas regionais de apuramento.

Os atletas esquecem-se dos seus deveres, enervam-se e indisciplinam-se e as «cliques» entendem que o grupo da sua terra não deve perder e provocam à volta dos seus rectângulos ambientes de asfixia para-as equipas visitantes. Para as equipas e para o público.

Em letra de forma escreveu-se nos vários órgãos da imprensa regional, à laia de estímulo para os atletas representativos das terras visitadas, barbaridades como estas: «O jogo é decisivo e tem de se ganhar. Que não o esqueça o público!»

Quer dizer: invoca-se a colaboração do público para a construção de uma vitória que só aos atletas cabe edificar, convidando-os a uma intervenção directa, «porque o jogo é decisivo e tem de se ganhar»!...

Isto lê-se e só por isso se acredita!

E é com semelhantes dislates que o Desporto deixou de ser um elo de aproximação dos povos para se transformar numa inquietante e vergonhosa fonte de dissídios e de conflitos!

Uma intolerância pasmosa deu um golpe mortal à requintada hospitalidade com que há meia dúzia de anos, equipas e caravanas de apoio eram recebidas por essas terras formosas de Portugal.

Visitavam-se os lugares mais dignos de apreciação, animava-se o ambiente local, confraternizavam visitados e visitantes e às horas do jogo desfaldavam-se no campo as bandeiras e incitavam-se os atletas, discretamente para que não fossem ofendidos os brios das multidões indígenas que de resto e por serem sempre em maior número, quase sempre abafavam as exclamações educadas das «minorias» visitantes.

Acabado que fosse o prélio, os atletas vencidos cumprimentavam os vencedores e

aquele gesto cavalheiresco tinha o condão de contaminar as multidões que saíam dos parques de jogos mais conformados se os seus favoritos perderam, mais discretas no seu contentamento se os seus favoritos ganharam.

Era assim o Desporto e urge que volte a sê-lo.

Escola de virtudes e não de deslealdades.

Fontes de aproximação dos povos e não pretextos de guerra!

Não. O que se vê hoje nos rectângulos de futebol é espectáculo indecoroso e indezível a que é necessário pôr cobro.

Vão-se buscar os vocábulos mais imundos para se lançarem ao rosto do pobre do visitante que «teve a ousadia» de penetrar «naqueles domínios» onde julgava ter cabimento, não só pelo dinheiro que pagou para lá entrar, como pelos direitos que supôs possuir.

Apopléticos, gesticulando e saltando como possessos, os mais «doentes» gritam, atiram para o rectângulo com exclamações bárbaras como esta:

— Mata, parte uma perna a esse...

— O senhor árbitro você não vê esse tipo?...

— Seu gatuno... seu vendido... logo vais pagá-las todas...

No regresso, aos ditos mais soezes junta-se o apedrejamento dos carros, como se as caravanas visitantes de apoio do jogo de futebol, fossem consideradas elementos criminosos que fosse preciso correr para as suas terras!

Culpados?

Todos, mas muito especialmente os «doentes» que pontificam na Imprensa e que fazem com os seus nervos, com o seu facciosismo e com a sua paixão, estes lamentabilíssimos ambientes de guerra a que urge pôr termo.

O Desporto só é belo porque é contigente.

Jogar pela certa é impossível.

Há que saber-se ganhar e que saber-se perder e os bons atletas e as multidões educadas conhecem-se precisamente nas horas do insucesso, aceitando como desportistas leais e como homens educados os resultados da competição!

«O jogo é decisivo para as nossas aspirações e nós temos de ganhá-lo, custe o que custar...»

O zé-povinho ouve, compreende, intervém e é que se ganha mesmo!

Isso não é servir o Desporto nem as terras. É comprometer uma e outra coisa».

A Sessão de Encerramento em Braga

(Continuação da página 1)

«As lições trazidas a este IV Curso foram o que pode chamar-se a *imérita coroa de luz* com que se iluminaram os objectivos das Semanas Sociais.

Braga, Roma Portuguesa, daqui saíram tantas palavras que vão ecoar pelo País inteiro! Braga marca hoje, outra vez, uma data a acrescentar às muitas e gloriosas da sua História:— a da realização das Semanas Sociais, versando o problema magno da educação!

Creio que não resta dúvida. O problema põe-se hoje claro:— ou por Cristo, ou contra Cristo.

Cada vez se torna mais premente o drama:— por Cristo ou contra Cristo.

O século XVI quis aniquilar a Igreja, conservando, todavia, Cristo. O século XVIII quis aniquilar Cristo, conservando ainda Deus. O século XX pretende matar o mesmo Deus. Sim, hoje pretende-se edificar sobre o túmulo de Deus uma nova humanidade! Mas nós vemos, infelizmente, que esse homem novo é o homem-máquina!

É o homem, sob o exclusivo aspecto económico.

É o homem da concepção materialista, que começa e acaba neste mundo.

Foi Bergson que disse que, desde há dois mil anos, tudo o que há de nobre na História, nasceu do cristianismo. Trabalhando contra Cristo só poderá conseguir-se o homem sem dignidade, sem personalidade. Com Cristo, surge o homem que procedendo da Verdade caminha para a Verdade, para a Paz, para o Amor.

O comunismo contemporâneo é sobretudo fruto da podridão dos nossos tempos, concretizada nas injustiças sociais. O Evangelho não está realizado. Falta ao mundo Cristo. A humanidade não conhece Cristo. Hoje o dilema é este:— ou Deus ou nada— é a lição desta Semana. O Deus que é revelado por Cristo. Cristo que é revelado pela Igreja. OU A IGREJA OU NADA».

De Luto

Pelo falecimento de seu sobrinho Snr. Dr. José Carvalho, vítima de lamentável desastre ocorrido em Coimbra, encontra-se de luto o nosso ilustre amigo Sr. Mário Campos Henriques, considerado sócio gerente da Fábrica TEBE, desta cidade.

Os nossos cumprimentos de pesar.

Escalada ao Monte de Airó

(Continuação do número anterior)

O monte de Airó, é segundo Pinho Leal, corrupção de Aureo, como antigamente se chamava, nome que lhe adveio da sua muita utilidade e das suas minas de ouro.

Principia este gigantesco braço que o Gerez estende para o Cávado com 4 quilómetros de extensão, na freguesia de S. Jorge de Airó, encontrando-se na vertente norte Encourados e Martim e na sul Moure, Sequiade, Bastuço S. João e S. Estêvão e termina em S. Julião de Passos.

Está cultivado até mais de meia altura, coberto de aldeias, campinas e de árvores sempre verdejantes através das quais alvejam as casas dos lavradores e se levantam os campanários das Igrejas. O cimo alteroso com 413 metros de altitude achata-se em vasta planura, tendo nas vertentes densos pinhais, por entre os quais jorram fontes naturais de água limpidíssima.

Do alto avistam-se, Braga, Barcelos, Caminha, Esposende, Viana, aldeias, rios, serras e campinas, imensa paisagem, o mais formoso panorama que se pode alcançar do alto de qualquer montanha do Minho.

Isto é a opinião de Arnaldo Gama, e nós com ele.

Enquanto os mais desportistas seguiam os caminhos dos Penedos ladrões a fim de proceder à nova montagem da telefonia, para ouvir o grande encontro Benfica-Sporting, a restante caravana seguia o Fernandes a caminho da contenda. Como o nome indica houve contenda e logo contendores, que foram os Bastuceiros e os Encouradenses.

Como na bíblia do lado de Bastuço havia um brutamonte como Golias e do nosso lado um pequeno pastor como David, que com uma pedrada o derrubou, fugindo os de Bastuço em debandada, ficando nós vitoriosos e Senhores do terreno em questão.

Mais um marco limite, que esse audacioso guardador de cabras nos legou, a apontar. Caminhamos a Nascente, onde se encontravam os carolas do futebol. Mas, ó desolação! nem o famoso vinho os animava, o Benfica estava a ser batido por 2-0.

Fugimos a tão triste quadro e subindo mais, começamos a divisar o local onde existiu o Castelo do Senhor e rico homem deste julgado de Penafiel de Bastuço ou Peha-Fiel. No plató que há no cume para o lado de Sequiade existiu uma ermida e um recolhimento com celas para quem quizesse fazer vida eremítica. Construída em 1650, pelo ermitão Simão Alves de

Lemos, com a invocação de Nossa Senhora da Boa Fé, o qual aproveitou as ruínas da capela que Joane, o Pobre, levantou neste monte em honra de S. Silvestre. Hoje, apenas existem vestígios, guardando-se a Imagem de Nossa Senhora na Igreja de Sequiade.

Aqui viveu e morreu santamente Joane, o Pobre, descendente dos Condes de Urgel, que se fez ermita depois de ser cavaleiro. Era consultado por D. João I, sua esposa e filhos, como Santo. Quando entregou sua alma a Deus os frades de Vilar, vieram-no buscar em procissão para o convento, sepultando-o na igreja.

Grande e ruidosa manifestação desviou o nosso olhar.

A rapaziada estava animadíssima, os garrafões iam exigindo outros ângulos.

O Benfica tinha recuperado, estavam empatados!

Ainda existia uma esperança...

Por fim o Sporting estragou-lhes o passeio.

Serviu-se a merenda, mas os irmãos Matos, tinham perdido o apetite.

Encanastrado o burro, bateu-se mais uma chapa e lá viemos de regresso ao vale. O pôr do Sol era deslumbrante!

Chegamos à Torre Velha, sítio que como o nome indica, existiu uma torre tão antiga (século XII) que o povo já a conheceu velha e de gerações, que nem vestígios se encontram, sabendo-se apenas que todos os fidalgos de Encourados a habitaram e conservaram, embora os paços, a moradia Senhorial, sofressem as modificações das várias épocas.

E pensando que D. Soeiro Mendes companheiro de armas de D. Afonso Henriques era Senhor de Encourados, sentimo-nos orgulhosos da nossa aldeia.

Como a descer todos os santos ajudam (e neste regresso, rápido e feliz, seríamos ingratos se nos esquecéssemos de lembrar e elogiar o famoso vinho...) chegamos ao vale e, voltando-nos a sul, olhamos, pela última vez, a montanha já pardacenta. Então, o Tone, certificando-se pela nonagésima vez se o copo tinha partido, apalpou a sacola e, olhando também, repetiu a frase do P.^e Agostinho: «Morre perto mas morre bem!».

F.

Serviços de Alto-falantes
CASA SOUCASAU
com telefone 8345